

**UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA REGIONAL DE CHAPECÓ-UNOCHAPECÓ  
VICE REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS GRADUAÇÃO  
CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA-CEOM.  
PROJETO PATRIMÔNIO ESCOLA COMUNIDADE – CAXAMBU DO SUL**

ENTREVISTA N°      PASTA:

ENTREVISTADA: ODILA LUNELLI

**ENTREVISTADORES: ANDRÉ LUIZ ONGHERO (AL)  
MIRIAN CARBONERA ( MC )**

Transcrição: Lucéia Felippe

Revisão: Juliana Schütz e André Luiz Onghero

**Entrevista realizada com a senhora Odila Lunelli, com os entrevistadores André Luiz Onghero e Miriam Carbonera, no dia quatro de março de 2008, na residência da entrevistada, Caxambu do Sul, as dez e quarenta da manhã.**

**AL: Bom dia dona Odila!**

OL: Bom dia!

**AL: A senhora podia colocar o seu nome completo.**

OL: Odila Butret Lunelli.

**AL: E a sua data de nascimento.**

OL: Vinti um de maio de 1942 [21/05/1942].

**AL: A senhora é nascida aonde?**

OL: Nascida em Caxambu do Sul, Santa Catarina.

**AL: Aqui na cidade ou em algum outro lugar?**

OL: Na cidade, bem no centro da cidade meu pai morava.

**MC: E o nome dos seus pais?**

OL: José Burtet e Antonia Roman.

**AL: E a sua família trabalhava com o que?**

OL: Olha, nós era agricultores, meu pai trabalhava, nós trabalhávamos na roça quando era pequeno, quando era criança. Nós íamos uns três quilômetros trabalhá na roça, carpi. Vim pra casa, as veis agente tomava chuva, chegava em casa toda molhada, por que agente ia de a pé, era uns três quilômetro longe.

**AL: Morava na cidade e tinha uma terra no interior?**

OL: Terra aqui no interior. Daí agente ia trabalha lá, ia com os meus irmãos.

**MC: Quantos irmãos a senhora tinha?**

OL: Nós éramos em nove, dez irmãos.

**AL: E sua família, ela veio do Rio Grande do Sul?**

OL: O meu pai veio da Itália e a minha mãe é do Rio Grande do Sul, de Caxias.

**MC: E eles contaram pra senhora por que eles saíram de lá e vieram aqui pra Santa Catarina?**

OL: Ah, o meu pai e a minha mãe, eles vieram de caroça, levaram mais de um mês pra chegá aqui. Era só mato aqui quando ele chegô aqui nessa cidade tinha só trinta e quatro moradores, então eles vieram. E tinha dois irmãos meus que nasceram lá no Rio Grande, o resto nasceram todos aqui.

**AL: A senhora sabe então que ano eles vieram?**

OL: Não sei a data certa.

**AL: Mais ou menos.**

OL: Eu tenho sessenta e cinco e a minha irmã mais velha morreu com oitenta e quatro anos, então tinha dois irmãos só, então deve fazê quantos anos.

**AL: A sua irmã mais velha era nascida lá?**

OL: Nascida lá, ela e outro irmão, então eu acho dois ano, três de diferença eles tinham.

**MC: Vai fazê trinta e cinco anos, por aí.**

OL: Mais ou menos.

**MC : Década de trinta.**

OL É década de trinta, acho que foi.

**AL: Mas tá legal. E a senhora então se tornô professora.**

OL: Daí o meu pai, minha mãe não sabia lê, ela era analfabeta, somente meu pai, e daí antigamente tinha assim um comerciozinho ali no centro. Ai minha, meu pai dizia pra nós: “tem que estudá, por que sem estudo, tu vê tua mãe né”. Minha mãe era doméstica, ela só cuidava da família, e daí então o pai dizia as vezes: “estudem, que eu não quero que vocês passem o que eu passei”. Sempre orientava nós pra estudá, e eu mesmo não gostava de trabalhá na roça . Quando eu dizia: "minha nossa, quero estudá, não que carpi no meio dos arroiz". Era muito difícil, e eu dizia : "vô estudá mesmo, não vô trabalhá na roça, vo pegá outra profissão". Nem sonhava assim de sê professora, mas como agente se formô. Daí tinha o padre Luiz que ele era. Desde pequena agente foi batizada ali, ele viveu muitos anos aqui, e daí ele orientava a gente. E daí meu pai e a minha mãe não tinha grande quisição tamém né, daí ele me orientô e me fez eu i trabalhá, lecioná, com quinze anos eu comecei. Então eu chegava lá na escola, não durmia de noite pra prepará a turma de alunos. Cheguei lá, era uma escola reunida, tinha 125, 130 alunos, não lembro bem, nos trabalhámos em três professores. Ai eles me deram pra mim uma classe da primera série, 45 alunos, e eu uma criança com quinze anos. Ai de noite eu morava na casa da minha irmã, eu passava a noite pensando o que que eu, com'é que eu tinha que ensiná essas crianças. E daí, só que na época era tudo muito bem organizado o ensino, eles já deram um programa pra gente, ali tu tinha tudo organizado, o que tu devia de dá pros alunos e tudo. Então a gente se preocupava. Sempre fazia as tarefas de noite, tinha as tarefas diárias que agente fazia pra apresentá que tinha, era a dona Nilza a nossa diretora. Então daí eu fiquei só com a primera série naquela escola. Aí quando era agosto, setembro, os aluno, já tinha cinco, seis que sabiam ler já, coisa muito incrível, já tavam alfabetizados. Até o fim do ano, aqueles que se alfabetizavam passavam pra segunda série, se não os otros repetiam a série pra mais um ano. Mas eu gostava de trabalhá com eles, era os professor me orientavam muito bem, a diretora. Dai a gente fazia os movimentos mensais e pra vim recibo nos tinha que vir aqui em Caxambu do Sul, e o pagamento pra nos os professores era feito através de folhas de pagamento... e daí então a professora fazia tudo, e a gente vinha na coletoria e recebia do coletor os vencimento da gente.

**MC: A senhora lembra o nome do coletor?**

OL: Era, o apelido dele era seu Quiodi, não me alembro mais o primero que foi. Depois eu não me lembro, não me recordo bem, depois o segundo foi o Agenor Giliolli. Ficô muitos aos até que se aposento de coletor.

**MC: Dona Odila, voltando só quando a senhora era aluna, a senhora lembra? Estudo mesmo aqui e, Caxambu?**

OL: Aqui em Caxambu do Sul, comecei aqui com seis anos, a professora minha era a dona Otilia. Daí nos tinha, era uma casa grande aqui, não era escola. Daí eles construíram esse colégio, com uma sala, duas salas, uma era pros professores e diretores e a outra era pros alunos. Que daí agora foram ampliados, ampliô né, que agora tá bem grande. E daí eu me formei aqui nesse colégio, daí agente trabalhava na escola e fazia os cursos lá em Chapecó. E lá em Sobradinho pra gente recebê, agente tinha que vir somente de a cavalo, não tinha condução nenhuma pra vir, nem pelas Águas [Águas de Chapecó], por parte nenhuma. Então quando era dia de pagamento agente vinha c'oa diretora e os otros professor de a cavalo, de lá até aqui, dava umas quatro horas mais ou menos. A gente tinha que vim no meio do mato, no meio do sertão. Daí agente vinha aqui, os professores assistiam as reuniões, e as orientações. As vezes a gente posava aqui, eles também posavam em casa de conhecido, não tinham familiares né, na casa do meu pai de pros amigos, daí no outro dia agente retornava, levava umas quatro horas mais ou menos de a cavalo. Quando dia assim, de chuva e no inverno a gente colocava aquelas capa preta, não sei se vocês lembram, pra se cobri, mas agente vinha né. Quando agente chegava ali na mãe, as vezes os meus pé tavam tudo duro, por que até aqui, a capa alcançava, até sobre o pé, e o pé ficava de fora, ai eu ficava dura não podia descê quase do cavalo de dor nos pé, por que era friu né, quatro hora de marcha. E daí a mãe fazia uma água morna os pé ali e a gente ficava.

**AL: A senhora tava morando a onde?**

OL: Eu morava em Sobradinho.

**AL: Sobradinho é o que, uma comunidade?**

OL: Era uma comunidade, mas eram bem espaçosa, era mais colônia, por que as casa... Eu morava na casa de uma irmã minha, ela tinha tipo uma, um mercadinho lá, daí eu morava na casa dela.

**AL: Lecionava então em Sobradinho?**

OL: Lecionava em Sobradinho a primera vez. E daí vinha assim de mês em pra cá pra recebê junto com a turma, daí voltava.

**AL: Pertencia a Caxambu.**

OL: Pertencia tudo a Caxambu.

**A: E hoje seria... a referência.**

OL: Hoje pertence, não sei se é Águas ou Planalto.

**MC: Mas ainda se chama Sobradinho o lugar?**

OL: Ainda se chama Sobradinho. O nome da escola que eu lecionei por primero era

Escola Reunida Juares Távora, em Sobradinho.

**AL: E agora ela não existe mais a escola, ou existe?**

OL: Não, agora os alunos vem tudo pra... criaram essas...

**AL: Pra cidade né?**

OL: É daí ele vem tudo nas, não tem mais escola. Daí depois de lá eu pedi pra, fiz transferência pra Dom José, trabalhei, trabalhei bastante anos aqui na escola reunida de Dom José. Agora, agora acho que é.. nem lembro mais como é que o nome daquela escola, professor José Bevilaco, Escola Reunida... era Professor José Bevilaco, acho que continua o mesmo nome, não sei se trocaram. Daí eu trabalhei ali bastante tempo ali em Cax, ali em Dom José, e até fiquei como diretora, nove anos, nessa escola aqui de dom José. E daí aqui quando eu vim leciona aqui eu tinha duas séries. A primera série, quase sempre lecionei pra primera série alfabetização. Daí aqui eu tinha duas séries, primera série e quarto ano, eles diziam, juntas. Ai agente dava leitura pra uma turma, enquanto as outras, as outras classes faziam trabalho escrito.

**AL: Uhum.**

**MC: E lá em Sobradinho a senhora fico quantos anos?**

OL: La não fiquei muito, fiquei, acho que um ano, um ano e pouco, um ano só.

**MC: E a senhora lembra mais ou menos que ano que foi isso?**

OL: Foi em 1959, e um ano depois eu vim pra cá. Daí o padre Luiz também achô que era muito ruim a minha família, a gente vim né, de pela aqueles caminhos. E as vezes quando tinha uma semana, assim uma semana, quem na semana santa, que tinha começava na quarta feira né, e até no domingo de páscoa. Ai agente queria vim, agente vinha, eu vinha as veiz colocava minha sobrinha nas costa e vinha sozinha por esse sertão. E daí eles achavam muito, que era muito perigoso né. E daí o padre Luiz me transfirio pra Dom José, que era mais perto. Daí lá tamém, ali em Dom José tamem trabalhava meio dia pra pagá, pra não paga pensão né. Daí meio dia trabalhava e meio dia lecionava, e as tarefa diária, correção de caderno agente fazia sempre durante a noite, por que daí tinha que trabalhá né, pra gente não te que pagá....

**AL: Uhum, na casa que a senhora ficava, que era casa de ...**

OL: Giacomelli.

**AL: Ah, Giacomelli.**

OL: Daí agente trabalhava pra não precisa pagá a pensão.

**MC: E quantos anos a senhora ficô nessa casa?**

OL: Nessa casa eu fiquei, eu acho uns quatro anos, que daí eu casei, daí eu fui pra minha casa, daí continuei a trabalhá lá.

**AL: Aqui em Dom José daí tava, o seu Germano tava lá?**

OL: Isso, daí nos se conhecemo ali, daí casemo, ficamo morando ali. Daí depois fiquei lá até que ele ficô... daí ele correu pra vice prefeito, e daí ele como ele precisava vim aqui na época morá, daí eu pedi transferência pra cá. Daí fiquei aqui nesse colégio até me aposentá. Trabalhei vinti e oito anos, foi que eu teve, tive licença prêmio, daí eles descontavam na época, naquela época ele descontavam quem não lecionava ganhava um ano dois de serviço, conforme assim, né. Dai me aposentei nova ainda. Aquela época agente trabalhava vinti e oito ou trinta anos e se aposentava.

**MC: É que começava bem cedo também né.**

OL: Mas eu comecei com quinze anos, com quinze anos eu comecei. Já me deram (...) eu ganhava sesenta e cinco, cinqüenta e cinco centavos quando eu comecei trabalhá. Ai eu, quando, primera veiz que eu fui recebe, eu recebi, comecei fevereiro, quinze de fevereiro, março, eu recebi em abril um monte de dinheiro, era cinqüenta e seis, não sei se era cruzeiros não me alembro direito, que a gente recebia. Ai eu fui lá na corredoria eles me deram um monte de dinheiro. Ai, eu pulei de alegria, eu Disse: “Nossa! Quanto dinheiro na minha mão”. (risos)

**MC: Imagine pra uma moça né na época era...**

OL: Ma eu nunca tinha visto dinheiro, por que o pai dava assim ele dava. Ele levava a gente né, quando tinha circo que a gente gostava. Nunca dexô faltá comida. Mas a gente nunca tinha o dinheiro da gente. Sabe como é que é. Era assim.

**MC: E daí nesse tempo que a senhora era soltera, fazia o que com o dinheiro?**

OL: Ah, eu ajudava minha mãe, ajudava meu pai e minha mãe. E o primero que eu tinha, que eu recebi, ai eu comprava, assim como é que a gente diz ... Trocamos tudo os colchão da casa da mãe, por que os colchão não era que nem agora assim, era colchão de palha de milho. Daí a gente troco tudo compramos lençol, comprei um monte de coisa, renovei a casa da minha mãe e do meu pai. E depois, quando assim que eu parava de ajudá eles, daí eu comecei comprá meu enxoval, compramos um poquinho cada mês, uma coisinha, outra né? Daí eu já tava namorando, ai tinha que casá, precisava comprá as coisas. Ai tinha que trabalhá, compra ropa pra mim tudo, aí era assim. (...)

**AL: Como era pra dá aula daí? A senhora preparava aula a noite (...)**

OL: Preparava tud'a aula, a gente preparava a aula e daí a gente fazia por exemplo, tarefa diária dos professores. [o telefone tocou e foi feita uma pausa na entrevista]

**AL: E vocês usavam algum material didático pra leciona?**

OL: Tinha, tinha material de, didático, agente tinha um livro grande que era um programa cada série, pra gente se orienta né, por que tinha que fazê. E o que a gente não entendia direito vinha nas reuniões pedagógicas, era pra esse fim, e aí a gente na reunião tirava alguma dúvida sobre o que tinha escrito naquele livro. Que eram, era assim, tinha tudo programa, durante o ano ali, cada mês daí gente ia tirando, e os professor e os coordenadores nas reuniões, eles orientavam muito sobre isso, por que a gente não era assim informado né, especialista. Então, mas a gente recebia muitas orientações sobre aula.

**AL: A formação que a senhora teve foi a Escola Normal?**

OL: É. Nem foi Normal, naquela época não era Normal, mas era quase que nem o Normal, e daí as orientações pra sê professora eles davam tudo assim na escola, e agente se baseava naquele programa e daí, biblioteca, né?

**AL: Ah, tinha biblioteca na escola?**

OL: Tinha. Daí a gente cartazes, muito cartazes, principalmente pra primera série. Mas quanto cartaz, a gente tinha confeccioná, ou de noite, ou sábado domingo né, a gente preparava pra semana.

**AL: E a senhora dava aula sempre pra... geralmente pra primera série?**

OL: Sempre, sempre quase pra primera série.

**MC: Alfabetização.**

OL: É.

**MC: E vinha... Os alunos, vinha material do governo assim, pros alunos pra escola, como é que era?**

OL: No começo... vinha, vinha um pouco, mas não muito, lápis e caderno, só. Mas eles, eles pegavam, eles compravam, não era assim difícil da gente... Os livros também, vinha os livros, os livros vinha era sempre vinha pela escola, eles compravam.

**AL: E então aquele que os alunos usavam era caderno, lápis, os livro?**

OL: Caneta né? Caneta de pena era naquela época.

**AL: Ah usava pena.**

OL: Pena, colocava na tinta no tintero. Derramavam, era aquela classes grande no início,

depois foi tudo modernizado. Ah as veis as crianças colocavam o tinteiro quando... Na minha série não por que no primeiro ano era somente lápis, né? Daí depois, mas daí na segunda, terceira série, as crianças aquelas classe grande que ia oito alunos, as veiz derramava agente chegava na escola, era tinta em cima das classe, derramada, que os alunos, quando vão par casa eles não querem sabê, né, não tampavam bem os tinteros .

**AL: Então a... a classe que a senhora fala era aqueles bancos que eles sentavam.?**

OL: É banco, um banco em grande, ia cinco, seis alunos, cada um tinha três fila de, três fila de...

**AL: De bancos.**

OL: De bancos, quatro alunos cinco.

**AL: E de cada, dois lados?**

OL: É dois lados, quando tinha cinco, seis, as veiz na frente eram dois e atrais as veiz tinha, dois banco grande que iam oito, dez, no fundo.

**AL: No fundo.**

OL: Da sala de aula. E daí não tinha ainda merenda na época, depois com passar do tempo veio merenda, que as crianças se alimentavam tamém, né.

**AL: Antes eles tinham que levá daí o lanche?**

OL: Levava, levava o lanche de casa, sempre.

**AL: E no começo assim, as turmas eram grandes, mas era só a primera ou tinha mais turma junto?**

OL: Que nem eu que tive, que lecionei em escola reunida, só ali, só num ano que eu peguei primera série e quarta série...

**AL: Senão sempre primera...**

OL: Senão sempre primera série. Só tinha bastante criança na primera série sempre, era umas classes de trinta, trinta e dois, trinta e cinco alunos na época né. De primera série.

**AL: E como que era esses alunos então, esses eram do interior né?**

OL: A, era muito tinha alunos, tinha algum que era meio rebeldes. Eu tive dois alunos, aii! Eu até me lembro o nome deles, por aque os bonzinho a gente não se lembra . Uma menina que era a Iracema, e outro menino era Idacir era o nome, esses dois, só que não tavam... em anos diferentes. Ah mas o que eu passei! Só que agente tinha muito apoio dos

pais. Os professores naquela época eram tudo nas localidades, eles tinham que, fazê... dá catecismo, rezá na igreja, auxilia nas festa, era, o professor era tudo. Mas os alunos eram muito queridos, a gente sempre lembra, por que tem alguns né, mais eram muito, o que a gente dizia, eram estudiosos, eles eram prestativos, eles queriam bem a gente quem nem que a gente fosse mãe deles. Foi muito bom. Tinha algum né que incomodavam, que nem esses ali eu nunca me esqueci por que, minha nossa, a gente tinha que i lá insistí, ensiná pra eles aprendê, conversá, por que geralmente a gente resolvia na classe os problema, nunca mandava para direção, a gente tentava, né, resolvê, só em ultimo caso que a gente... mas sempre a gente tinha que.... as vezes tinha que xingá, esses dois meninos né, ai os otros coitadinhos ficavam com medo, dizia: “mas vocês não podem fazê assim atrapalha a aula, atrapalha os otros que tem vontade de estudá”. Daí foi que eles... até a gente conversô, conversava com os pais, né, daí os pais vinham, interferiam, diziam: “olha, se eles incomodarem de novo a gente vem aqui, e dá uma outra providência”. Daí não tive assim problemas sérios, graças a Deus com os alunos. Por que a gente, na comunidade da gente c'os pais e professor a gente se dava muito bem, então tinha o apoio dos pais também.

**MC: E... e a senhora usava muito do castigo?**

OL: Ah! No começo agente usava castigo. Ah, eu tenho uma aluna que ate hoje eu me arrependo de te posto ela de castigo. Por que se eles chegavam atrasados a gente colocava no castigo de joelho. Aí, vê como era ruim eu né, eu peço perdão pra ela, por que ela mora aqui ainda. Disse: “Ma me perdoe”. Por que naquela época era assim... não podiam chegá atrasado, se não quando era nove hora eles tavam chegando na escola no inverno. Ai aquela aluninha minha lá, muito querida, só por que chegô atrasado, morava longe. Daí os otros começaram a dizê: “ah, como é que a senhora não coloca ela de castigo, que ela chego atrasada!” Ai eu, muita pena dela, até hoje eu convenço com ela, ela é casada já, ai eu digo pra ela: “me perdoe de quando te coloquei no castigo aquela veiz”. Por que ela era muito querida ai eu coloquei ela de joelhos um poquinho, por causa da turma, por que eles cobravam da gente as coisas né. Ai eu digo pra ela, Salete o nome dela (...). Eu digo: “Salete, me perdoe, mas o que eu ia fazê”. Todo mundo, os otros reclamavam daí. Tinha que sê pra todos igual né.

**MC: Sim. E quanto tempo dexava mais, ou menos lá no castigo?**

OL: Ah deixava uns quinze minutinhos, deiz minutinho. Poco, né, já saíam, ma de joelho.

**AL: Mas ficavam de joelho onde, na sala?**

OL: Na sala, con,contra a parede.

**MC: Mas a senhora tinha tamém, por que otras professoras me relataram que tinham a vara, tinham a régua, tudo.**

OL: Ah, tinha a régua, mas eu quase nunca usava a régua, as vezes eu batia na mesa com a régua, Todo mundo fazia silêncio, todo mundo prestava atenção

(risos). Era assim, era difícil. Mas o castigo sempre teve. E depois daí eles começaram vê, aquele, pra assiná no livro negro, aí as crianças tinham mais medo. Era um livro branco, mas eles diziam livro negro, aí quando eles incomodavam bastante: “Olha se você não ficá quetinho, não estudá, você vai lá pra direção, e a direção vai te fazê você assiná o livro negro, e quando você assiná esse livro negro três vezes, você vai ser expulso da escola, daí você não pode mais estudá em escola nenhuma”. Então aquilo foi uma grande coisa assim pros alunos, eles tinham medo do livro negro, mas que livro negro, era um livro branco.

**MC: Mas quem que inventô essa história do livro?**

OL: Mas não sei, quando trouxeram na direção da escola.

**MC: Bem difundida essa coisa né, do, de assiná o livro?**

OL: Não sei quem que troxe essa...

**MC : A idéia.**

OL: Essa idéia.

**AL: Lembra que época foi?**

OL: Ai, agora a época não me alembro mais, quero vê, acho que fazia uns ... Acho que uns deiz ano que eu tava lecionando, então seria de, comecei em cinqüenta e nove, sessenta e nove por ali eu acho, sesenta e nove, setenta, que veio ali essa... Não sei quem invento e o que. Mas só que foi muito bom, porque daí os alunos tinham medo desse livro negro. Eles diziam livro negro, mas era um livro que nem esse que nós temo né. Era pra assustá as criança, fazê eles ter medo. Ai se tornô muito mais fácil, se a gente não podia mesmo, assim com... Dexava tamém de castigo sem recreio as vezes, se eles não faziam tarefa diária, ou os tema de casa, aí eles tinham que fica na hora do recreio fazendo esses, essas tarefas.

**MC: E a senhora daí trabalhô a vida intera ate se aposenta só com meio período ou depois passô a da aulá o dia intero?**

OL: Só meio período.

**MC: Ah, sempre só, meio.**

**AL: A senhora podia conta um poco assim como que acontecia as aulas, que tipo de atividades faziam.**

OL: Ah tinha, a gente tinha... A gente fazia naquela tarefa diária, a gente até escrevia primero: entrada, não oração, entrada oração e daí vinha, Matemática, Leitura, aí História do Brasil, Geografia, Trabalho manuais, que eles faziam também. Então era dividido e

Religião. Aí, duas vezes por semana a gente colocava a tarefa diária Religião, e duas vezes Trabalhos Manuais. Ai eles faziam os trabalhos manuais, as meninas bordavam né, a gente ensinava bordado, crochê pros alunos. E os meninos trabalhavam mais com serra, serravam, tinha uma serrinha pequena, e... um arco assim grande. Eles serravam, faziam carrocinha, tudo assim os trabalhos manuais. Ai eles guardavam tudo, no fim do ano a gente fazia uma exposição dos trabalhos dos alunos. Então daí tinha Educação Física não tinha no inicio, só depois c'o passa dos anos. Era aula de Cantos, tinha aula de cantos, que ensinava, a gente reunia toda turma numa sala, pra ensaiá o Hino Nacional, o Hino à Bandeira, e otros, otros canto assim da escola. E a gente se reunia uma vez por semana, daí tava tudo escrito naquelas tarefas as matéria. E quero vê... Religião, Leitura, Hino Nacional, que nós dizia, Matemática, Ciências, História e Geografia e Conhecimentos Gerais. Essas matérias aí tudo num dia não dava, era dividida cinco, seis matérias cada dia, dependendo dos horários daí... Aí a gente ia seguindo o ritmo.

**MC: Ma já dava Historia, Ciências essas coisa pra criança de primeira série?**

OL: De primera série é. Mas História, por exemplo, História de primera série, era história familiares, histórias do, assim dos, as autoridades, essas, essas eram..

**AL: Era o currículo, hoje também tem.**

OL: Eu acho que deve tê né?

**AL: Tem.**

OL: Tinha daí naqueles livros de orientação tinha, por exemplo, Língua Portuguesa... Matemática, assim mais ou menos. Tinha escrito, daí tu ia pesquisá e buscá.

**AL: Tem algumas datas também.**

OL: Ah as data, muito importante as data assim da, da localidade, por exemplo né, do município.

**AL: O dia do município.**

OL: O dia do município, o governo, os governos municipais, estaduais, essas coisa importante, os aluno da primera também... A gente tinha que explicá mesmo, se eles não sabiam, não guardavam na memória mas tinha que, eles tinham que sabê. Chegava perguntava: “qual que era o governador do estado”, né, eles tinham que sabê. Assim, era, na primera série.

**AL: Naquela época as escoas eram estaduais né?**

OL: É. Nessas que eu lecionei sempre foi escola estadual, mas existia também as escolas municipais, existia. Nós recebemo, nós recebia do estado, mas tinha as municipais que era paga pela prefeitura tamém, nessa época. Eu tenho colegas minhas professoras que

trabalhavam em escolas municipais, eram pagas pelo município. Não sei como é que era feito o pagamento, por que eu nunca perguntei, não sei se eles repassavam pra coletoria ou como é que era. Por que depois quando houve mudança, que nem o zelador, serventes era (...) existia na época reuniões do círculo de pais e mestres.

**AL : E as chefias da senhora, era em Chapecó né?**

OL: Tudo em Chapecó, as orientadoras.

**AL: E a senhora lembra quem eram?**

OL: Eu me lembro da dona Mani do padre Luiz, que foi o primeiro dessa eu nunca me esqueci né? Mas depois houve eu acho, mais um dois ou três assim de ensino. Que eu não recordo o nome. Depois teve a Dona Anira Sartori e a Dona Henz... como é que é o sobrenome dela. Ai, não me lembro, não recordo mais também. Teve bastante, teve na minha fase teve umas quantas orientadora, por que eu acho que essas orientadores eram sobre política né, eu desconfio. Quem que eram nomeadas, por que foram trocadas bastante durante a minha gestão de trabalho. Não sei se eram trocadas, se eles eram nomeados os cargos de confiança né? Talvez fosse isso por que trocavam bastante de orientador. Mas eles, todos eles orientavam muito bem. Eu, graças a Deus eu tinha tudo (...) por que a gente não teve uma formação assim pra lecioná, né, e esses cursos que eles davam nos colégio, era muito bom, davam orientação pra gente, muito bom.

**MC: E tinha todo ano o curso, com' é que era, uma vez ou duas por ano?**

OL: Nas férias, durante as férias de julho e férias de janeiro, e fevereiro. Quase sempre. Se as aulas começavam em fevereiro, as vezes começava em março, a vezes em fevereiro, não era um roteiro certo. Daí a gente geralmente, janeiro era curso, a a gente ia pra Chapecó. As vezes durante o mês agente ia só duas vezes pra cá.

**MC: Era o mês inteiro?**

OL: O mês inteiro, os professores iam convocados.

**MC: E, nesses primeiros anos que a senhora deu aula, tinha um inspetor que vinha visita as escolas?**

OL: Tinha, sempre vinha, ai ele sempre vinha nas escola uma vez por ano, ou as vezes duas. Ele sempre foi lá, desde lá de Sobradinho que era orientador Padre Luiz, ficou uns quantos anos. Ai os outros todos eles vinham nas escolas.

**MC: E o que que eles faziam?**

OL: Às vezes, eles faziam a gente lecioná perto deles, eles ficavam na aula, daí ficavam assistindo a aula. Que nem nós era escola reunida, daí eles assistiam talvez, uma hora na minha sala de aula, daí seguiam pra outra, por que eles não iam, faziam o roteiro uma

vez só né?

**AL: Uhum.**

OL: Ai eles ficavam, agente ficava lecionando, recebia eles, dava aquela aula que tava, a matéria que tava ali, escrita. Se tu já tinha feito leitura passô, daí pega ali matemática, conforme tava na tarefa. Ai agente continuava dando aula e eles continuavam assistindo, eles ficavam assistindo. As vezes vinha um ou dois.

**MC: A senhora lembra o nome de algum deles?**

OL: Era os mesmos coordenadores esses, era os mesmo que nem lá era o Padre Luiz, depois otro, otro, que esse moreno que tava ali. É uma porção, agente não guarda, não guarda na memória o nome deles.

**AL: E a senhora fez, depois, enquanto tava lecionando, fazia esses cursos, mas a senhora chegô a fazê algum estudo a mais, por exemplo, fazê faculdade ou não?**

OL: Não, por que quando eu terminei a... Quando eu terminei o meu ginásio, aí nós fomos pra fazê o que tinha, era tudo pago, o... Pra fazê o Normal. Ai, quando cheguei lá, como eu não tinha meu diploma em mão, não tinha ainda em dezembro, a orientadora daquele curso não dexô eu começá a fazer o Normal. Daí fiquei assim, só que a gente vai adquirindo tanta prática lecionando, quem eu, tive só sorte né, por que quase sempre leciona só primera série, daí a gente vai adquirindo muita experiência.

**AL: Conhece bem o conteúdo.**

OL: O conteúdo e tudo. E se as vezes eles trocavam de, de, como é que eles diziam... Por que daí era silaba, letras, assim né, ensinava essas crianças de primero ano, ai se eles trocassem, eles davam todo o material de orientação pra gente, trocar a maneira de alfabetizar.

**AL: E vocês professores, não faziam essa escolha então dos conteúdos. Isso já vinha?**

OL: Já vinha. Naquele, era um livro bem grande, já vinha tudo ali o programa de ensino de primera série.

**AL: Aí quando mudava daí vinha outro?**

OL: Quando mudava vinha outro programa e daí a gente as vezes, teve uma época que eu peguei a, todos os cartazes pronto. Foi uma maravilha daí, vinha imprimido. Daí se era pra começa com uma palavra daí, a palavra intera ou se não cortado, a gente ia cortando em silabas depois, em um envelope grande.

**AL: Envelope. E se não sempre fazendo né, os cartazes.**

OL: Sempre. Senão e ainda a gente tinha que fazê cartazes sobre limpeza, a sala de aula tinha que tê, motivação, sobre, como é que a gente diz... limpeza pessoal.

**AL: Higiene.**

OL: Higiene pessoal. Daí essas coisa a gente tinha que fazê nas escola. E sobre plantinha tamém, a gente tinha que fazê os cartazes sobre a natureza né, meio ambiente que tinha, tinha da árvore. Daí a gente incentivava as criança pra planta árvore e cultivá, cuidá. E daí a gente fazia, tinha que fazê cartazes sobre isso. E a gente dava catequese também naquela época, orientação religiosa.

**AL: Aí era um otro dia...**

OL: É.

**AL: No sábado.**

OL: Não, era durante a aula.

**AL: Durante a aula?**

OL: Uma vez por semana a gente dava trabalho manuais, e aula de canto e uma aula de religião.

**AL: As aulas religiosas daí já era catequese.**

OL: É, era catequese.

**MC: E tinha também, que, a gente já ouviu falá que tinha professores que tinha que tinha tipo, uma vez por semana, tinha que fazê trabalhos na comunidade, tinha que além de se professor tinha que tê um trabalho...**

OL: Tinha que desenvolvê algum trabalho na escola, ou na escola, ou em a, quando tinha essas festa de, da comunidade, tinha, aí os professores tinham que tar presente em tudo. Na minha comunidade eles sempre convidavam, a gente as vez tinha que até orientá, né, como vai fazer isso, com'é que vamo fazê aquilo, nas comunidade. É quem eu disse, o professor tinha que estar em tudo presente, ajudando e dando muito bom exemplo tamém, isso era muito importante tamém.

**AL: Mmm. Eles exigiam tamém que...**

OL: Muito importante, nas famílias na casa. Quando era jovem tamém exemplo de, isso tinha que tê tamém.

**MC: E tinha uma dificuldade assim, que a senhora acha que era maior nesse tempo? O que que era mais difícil nesses primeros tempos, enquanto professora?**

OL: Ah, era no início tinha dificuldade, uma de a gente í, né da localidade da casa dos pais, e outro tamém quando surgia alguma dúvida, das veiz não tinha telefone, a gente tinha que se dirigi aqui pro centro né, ou na, nas reuniões. Então quando tinha aquela dúvida a gente dexava de lado pra depois vim aqui, voltar, né.

**AL: Uhum. E quando a senhora começo mesmo da aula, que era, bem jovem ainda né, quinze anos, a senhora sentiu muita dificuldade?**

OL: Eu senti. E me preocupava muito, eu de noite as vezes não dormia pensando no que... Por que mesmo tendo os livros tu não tem prática no inicio, depois quando a gente vai passando os ano, tu já sabe né. Ai me preocupava, de noite não durmia e dizia pra mana “eu não durmi direito”. Ela dizia: “por que?” “To me preocupando com essa turma de alunos, com'ê que eu vô alfabetizar eles?”. Mesmo tendo os livro e tudo né? Mas daí a gente pedia orientação, tinha uma diretora, assim alguma coisa, que ela já tava a deiz, quinze anos lecionando, daí eu me dirigia pra ela, ela me orientava como que eu (...).

**AL: Então a senhora percebe que a formação que a senhora teve pra começá não tinha chegado né?**

OL: Não, eu ainda eu era muito jovem, mas daí como preocupação minha orientação, eu fui me ambientando. Até que quando sai de lá que não voltei, os pais mandavam... Ficavam muito triste os primero ano que eu vim. Mandavam dizê que era pra voltá, voltá, voltá, lecioná pros alunos deles.... Por que a gente, com'ê que agente diz, a, a gente procurava conquistá os aluno e os pais...

**AL: Uhum.**

OL: Na época.

**AL: E essa... grande parte dos alunos assim como a senhora assim, era descendente de italianos?**

OL: É, quase todos descendentes de italianos. Lá em Sobradinho eu tinha de pele morena tamém. Mas eles não eram revoltados. Não, não tinha discriminação, na época, não sei eram todos amigo, brincavam todo junto no recreio tamém. A gente tinha que brincar com as criança fazê roda, tudo. Não tem que ficá lá tomando lanche, quem agora, os professores as vezes né. Era brincá c'os alunos na hora do recreio, a gente fazia uma roda grande, brincava, brincava de peteca, faziam brinquedo assim, tudo junto. Os professores não ficavam lá dentro da sala de aula, iam pro pátio brincá com as crianças. Aí não existia briga, por que a gente tava junto né. As crianças brincavam durante aquela meia hora, vinte e cinco minutos, brincavam, e a gente tava junto. Agora as vezes ficam sozinhos, né, depois já nos últimos anos eles já, a escola era maior quem aqui daí as vezes eles brigavam. E assim vai. Agora já é diferente, mas no início era assim.

**AL: Mas e daí por serem, muitos italianos não tinha dificuldade quanto a língua**

**portuguesa?**

OL: Não, quando eu fui, os alunos não, agora os pais sim. Tinha pai que não... Mas eu como era de origem italiana eu dizia: “você podem falar tudo em italiano”. Que eu não... Como é que eu dizia em italiano: “entendo tudo mais não falo nada, né”. Mas eu dizia em italiano: “*capiso tudo ma nom parlo niente*”.

**AL: Mas a senhora falava em italiano?**

OL: Falava um pouco mas não muito. Meus pais vieram da Itália, mas não ensinaram nós a falar italiano.

**AL: Eles logo aprenderam português.**

OL: E depois eles recebiam castigo também se pegassem falando italiano.

**AL: É tem uma época que foi proibido.**

OL: Foi proibido, proibido, proibido. Daí com nós eles falavam, minha mãe falava metade italiano, metade brasileiro, era assim tudo misturado sabe.

**AL: Vocês chegaram a recebê assim alguma...**

OL: Não, o meu pai e a minha mãe, castigo não. Mas quando eu era jovem, eu não me lembro quem, mas ali houve um que teve, parece que prenderam. A, xingavam muito, por isso, que a minha mãe falava tudo assim. E, teve uma época quando que eu era criança o meu pai dizia: “aquele lá fala tudo italiano e foi repreendido”, acho que pelas autoridades. Não queriam que falassem a língua italiana. Mas daí tu... não tive dificuldade com os pais por que eles falavam italiano, mas eu compreendia tudo, daí eu correspondia. E eles também entendiam o português, só que eles não podiam, não sabiam falar.

**AL: Uhum.**

OL: Mas é tudo de origem italiana e origem brasileira, né, que nem eles diziam. Daí de alemão eu não tive (...).

**AL: Mas então, se a senhora tem mais alguma coisa que gostaria de contar?**

OL: Acho que contei tudo. Eu acho que sim.

**AL: Mas não, a gente agradece a entrevista, a atenção da senhora.**

OL: Eu agradeço vocês, quando precisarem a gente tá aí.

**AL: muito obrigado então.**